

A sabedoria do desapego

“Tudo passa e o Bem permanece.” (Bezerra de Menezes.)

Pode parecer utopia falar em desapego em uma época em que uma das frases mais pronunciadas é “E o que eu ganho com isso?” e a troca de interesses impera nos relacionamentos sociais e profissionais, resultando numa sociedade calculista, egoísta e inescrupulosa.

As consequências destas atitudes são as desigualdades sociais, a corrupção como regra comum e o individualismo predominante.

O Bhagavad Gita (1), a “sublime canção da Índia”, há 7.000 anos já tratava do necessário exercício do desapego, trazendo uma proposta de vida que merece reflexão. Expõe a obra que “a autorrealização consiste em trabalhar intensamente e renunciar a cada momento ao fruto do trabalho”. Convida-nos a agir no bem não mais dependendo dos frutos dessa ação, com desinteresse de lucro pessoal, desapegando-se dos desejos egoísticos.

Em O Livro dos Espíritos (2) vamos encontrar a informação que o sinal mais característico de imperfeição é o **interesse pessoal**, sendo sinal notório de inferioridade o **apego às coisas materiais**. Quando o nosso ego domina nossas ações temos atitudes egoísticas de somente satisfazer nossos desejos e vontades, sem medir as consequências por essa escolha.

Sábio é aquele que renuncia pela força da verdade a si mesmo, libertando-se do egoísmo – caminho seguro para a felicidade plena. Os Espíritos Superiores (3) nos orientam a agir no bem sem segunda intenção, a sacrificar o interesse pessoal pelo bem do próximo, exercitando a mais meritória das virtudes: **a verdadeira e desinteressada caridade**.

Desapegar-se é preservar a alma livre das coisas exteriores, libertando-se das paixões e do ódio (e dos impulsos que o geram). O meio mais eficaz de combater o predomínio da natureza corpórea é praticar a abnegação e o desprendimento de si mesmo. (4)

Quando se propõe o desapego, não significa abandonar o “mundo”, mas entender a existência terrena como **transitória e impermanente**; o que é imortal e verdadeiro é o Espírito. Desconhecendo ou abdicando desta verdade muitos comprometem a saúde, a família, os amigos e a própria felicidade em busca das conquistas temporárias. Esquecer ou deixar para mais tarde a evolução espiritual, a aquisição das riquezas “que as traças não corroem” em troca dos prazeres e dos tesouros materiais, é marca inegável de apego e imperfeição.

A vida é feita em ciclos. É preciso saber quando uma etapa chega ao final e permitir que ela se encerre. O fim de um emprego, de um relacionamento, um filho que parte para longe, um amigo que desencarna... A felicidade consiste em desapegar-se das coisas, pessoas, situações e sentimentos e permitir que uma nova etapa se inicie em nossa vida, assegurando-nos de não ficarmos magoados e nem deixarmos mágoas nos outros. Isso não significa amar menos ou descuidar, mas, ao contrário, enquanto o amor liberta e cuida, o apego aprisiona e sufoca.

Allan Kardec (5) afirma: "o egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade é a fonte de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem, caso queira assegurar a sua felicidade tanto neste mundo quanto no futuro".

Desapegar-se é deixar de ser egoísta é estar cada vez mais próximo de si mesmo, de Deus, e muito - mas muito mais - próximo da felicidade.

Luis Roberto Scholl – A sabedoria do desapego – O Consolador – N° 135 - 29/11/2009

Notas:

1 **ROHDEN** Huberto, **Bagavad Gita**

2, 3, 4, 5 **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 895, 893, 912, 917)